

---

## DIÁLOGOS COM A DOCÊNCIA

---

Adriana Cristina Pereira de Andrade do Couto<sup>1</sup>  
Ana Emilia Fajardo Turbin<sup>2</sup>  
Merilúcia Mariotini<sup>3</sup>

Meu nome é Ana Emilia Fajardo Turbin e sou professora universitária na Universidade de Brasília desde 2013. Em 2014, submeti o projeto **Brincando com a Língua Inglesa: pesquisando a aprendizagem, por meio do lúdico** a CAPES e, desde então, sou coordenadora junto com duas professoras da escola básica: Merilúcia e Adriana, que irão se apresentar. Nosso relato de experiência consistirá em um diálogo entre nós: três professoras envolvidas no PIBID, subprojeto Língua Inglesa, em escolas de Brasília.

Falar sobre o PIBID nos leva, inicialmente, a explicar um pouco o que essa sigla significa e seu efeito na prática. P: *Programa*; I: *Institucional*; de BI: *Bolsas de Iniciação*; à D: *Docência*. É uma iniciativa do Ministério da Educação – MEC, em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

Quando ouvi a respeito do PIBID, lecionava Inglês na graduação do curso de Letras, na Universidade Federal do Tocantins, em Porto Nacional, em 2012, e me surpreendeu ouvir a respeito de um programa em que os alunos davam aula para aprender. Senti, no relato da professora que falava a respeito do programa, que ele era sucesso na região, onde a esperança de muitos jovens é ser professor em escolas públicas, entre outras razões, pelo fato de aquela ser uma cidade cujo mercado de trabalho parece ser exíguo.

Em 2013, passei no concurso público para professor adjunto na UnB e, ao saber do edital do PIBID, logo levantei a mão em reunião de professores, para nele me inscrever. Já ouvira falar e, internamente, já havia me decidido a me inscrever, se um dia surgisse a oportunidade. Uma das razões estava no meu grande interesse em conhecer melhor a escola básica pública do DF, uma vez que, como professora doutora na área de Inglês, não poderia deixar de contribuir para o sucesso do ensino-aprendizagem da Língua Inglesa nas escolas, afinal essa sempre foi a minha bandeira.

O subprojeto INGLÊS na UNB denomina-se: **Brincando com a língua inglesa: pesquisando a aprendizagem, por meio do lúdico** e tem como objetivo levar alunos da escola pública a gostar de

---

<sup>1</sup>Adriana Cristina Pereira de Andrade do Couto - e-mail: drikacouto@hotmail.com; professora da escola CEAN.

<sup>2</sup>Ana Emilia Fajardo Turbin - e-mail:anemiliaturbin@gmail.com; professora adjunta 2 da Universidade de Brasília (UnB).

<sup>3</sup>Merilucia Mariotini - e-mail: merimariotini@gmail.com; professora da escola CEF 104 Norte.



aprender a língua estrangeira (LE) por meio de jogos, dramas e competições que lhes deem a possibilidade de tomar a palavra e participar na construção de seu conhecimento linguístico. Para tanto, optamos por diversos tipos de ações que coadunam com o objetivo proposto, tais como: quebra-cabeças, jogos de adivinhação, jogos de combinação de palavras, leituras de textos com diversas finalidades, dramatizações, músicas, aprendizagem com filmes, confecção de vídeos, entre outras. O subprojeto é composto de dez licenciandos e duas supervisoras, e as escolas escolhidas são: no Ensino Médio: CEAN - Centro de Ensino Médio da Asa Norte; e no Ensino Fundamental: CEF 104 Asa Norte.

### Fundamentação teórica do subprojeto

Ensinar Inglês tem sido minha profissão há mais de 40 anos e, mesmo assim, sempre estou aprendendo a como aprender e ensinar Inglês melhor e com mais eficiência. Durante meu doutorado, encontrei um autor que me entusiasmou muito: Antônio Nóvoa. Se o conhecimento não é construído por acúmulo de conhecimentos, como nos diz Freire, comparando ensinar à simples transmissão de informação ao aluno (o conhecimento bancário), diz-nos, por sua vez, Nóvoa (1995), que o conhecimento se insere em um tipo de trabalho em que se pensa criticamente a prática e sua permanente reconstrução. A identidade docente está sujeita a alterações e mudanças, enquanto se investe no saber e na experiência. Desta forma, ressaltamos a importância de se trocarmos experiências, dentro do que Nóvoa nomeia de “formação mútua”, ou seja, o diálogo entre formadores e formandos, os envolvidos na construção do saber. O PIBID traz em sua dinâmica esse diálogo constante entre coordenadora, supervisoras, alunos universitários e alunos do ensino médio e fundamental.

Foram desenvolvidas muitas ações em que os protagonistas são os próprios alunos da escola básica: dramatizações, filmes e jogos com música, com palavras, leitura de textos para fins diversos, escrita e “shows” como *Lip sync battle*. Todas as ações se enquadram no plano pedagógico da escola estão postas em prática, sendo geralmente bem-sucedidas. O trabalho é sempre conjunto dentro do que Nóvoa propõe: uma cultura dos professores que dá corpo a um exercício construído entre professores experientes e professores futuros: alunos da licenciatura em Letras-Inglês, UnB e os alunos das escolas mencionadas.

A seguir, as supervisoras do subprojeto irão se apresentar e começaremos a dialogar sobre o PIBID e seus efeitos em nossas vidas e nas vidas de nossos alunos.



## Apresentações

### ***Merilúcia Mariotini***

Meu nome é Merilúcia Mariotini, sou professora de inglês desde 2000. Logo no início do meu curso de licenciatura, tive a oportunidade de lecionar em escolas particulares de Brasília.

Diferentemente de muitos colegas de curso, tive a prática junto com a teoria, algo que, como comentávamos na faculdade, fazia grande diferença no aprendizado, pois achávamos que vivenciar os desafios diários de uma sala de aula deveria fazer parte da nossa formação, não apenas durante algumas poucas horas de estágio.

No ano de 2008, entrei na Secretaria de Educação do DF, dando aulas para o Ensino Médio no Colégio Paulo Freire; no ano seguinte, fui para o Centro de Ensino Médio da Asa Norte Cânone, em 2014, fui convidada, pela professora Ana Emilia, a participar do PIBID, como supervisora. Fiquei muito entusiasmada com a ideia inicial de poder ajudar os futuros professores, apresentando os problemas e os desafios do ensino da Língua Inglesa, nas escolas públicas, atualmente tão defasado, mas mais tarde descobri que aprenderia muito mais do que ajudaria.

Trabalhei no CEAN (Centro de Ensino da Asa Norte) durante 8 anos. No momento, ele está sofrendo mudanças por conta da MP 746 e está se transformando em integral. Quanto ao ensino de Inglês, há 12 turmas ela manhã, sendo que cada professor tem duas aulas por semana, cada uma com 50 minutos. O professor é livre para escolher o que ensinar. Em sua maioria, os alunos advêm das cidades satélites, porém há um número considerável que mora próximo à escola. O corpo docente é composto de mestres e alguns doutores. A escola tem uma boa infraestrutura: sempre limpa, todas as salas com TV, há laboratórios de biologia, química e informática. Há também uma biblioteca. Temos suporte para fazer cópias. Os alunos demonstram interesse no início das atividades escolares, mas depois se dispersam facilmente, talvez pela idade. Por conta disso, temos de trabalhar o planejamento com atividades atrativas e interessantes para essa faixa de escolarização. Outro fator que talvez impeça a motivação dos alunos está no fato de não receberem notas obrigatórias no Inglês e, por essa razão, acabam não se preocupando em participar das aulas.

No final do ano de 2016, decidi trocar de escola e tentar uma nova experiência com alunos do ensino fundamental da escola pública. O Centro de Ensino Fundamental 104 da Asa Norte (CEF 104 Norte) é uma escola pequena, sem muito investimento em infraestrutura, há vários anos sem pintura, e muitas vezes faltam itens básicos para um professor de Língua Estrangeira trabalhar. Não temos TV, projetores, som, eventualmente faltam até pincéis para o quadro branco e, por esse motivo, preciso carregar comigo uma pequena mala com acessórios básicos, mas mesmo com todas



essas limitações, algo que tem me chamado a atenção é o interesse e a curiosidade da maior parte dos alunos que, de modo geral, têm se mostrado muito entusiasmados com o PIBID.

São apenas oito turmas nos períodos matutino e vespertino, das quais em apenas quatro do turno vespertino trabalhamos com o PIBID. Elas são compostas por vinte a vinte e cinco alunos de 8º e 9º anos, na faixa etária entre 13 e 16 anos, alguns poucos com 17 anos. Temos também alguns alunos especiais, em uma média de cinco por turma. Nossos alunos são, em sua maioria, de cidades satélites, utilizam o ônibus como transporte, pertencem à classe média baixa, alguns poucos moradores da Asa Norte. Foram realizadas algumas reuniões de pais neste ano, mas com pouca participação.

De modo geral, as turmas de 8ºs anos são mais interessadas, mais disciplinadas e observadoras, já os alunos de 9ºs anos necessitam de um planejamento cuidadoso por parte do professor, com atividades diversificadas, pois perdem a atenção mais facilmente.

Os professores do turno vespertino são, em grande parte, novos, bem atuantes e interessados na melhoria diária do projeto pedagógico da escola. Alguns têm especialização e mestrado. Também mostram respeito pelos alunos, sempre ensinando a eles sobre ética, educação, disciplina e regras.

### **Adriana Couto**

Meu nome é Adriana Couto e leciono inglês na escola pública desde 1997. A marca das minhas aulas sempre foi o lúdico, pois acredito na dinâmica e interação da língua inglesa para a aprendizagem.

Quando a coordenadora do PIBID me convidou para participar do projeto, há dois anos, fiquei bastante motivada, pois na escola pública, por haver turmas heterogêneas, com vários alunos em níveis diferentes de Inglês, não via muita perspectiva de aprendizagem significativa. E é aí que, em minha opinião, entra a real função do PIBID.

Na escola, há um projeto político pedagógico (PPP) em que se contemplam oficinas pedagógicas. O PIBID de inglês começou a fazer parte desse planejamento e cerca de vinte e cinco alunos se inscrevem por semestre para fazer parte dessa oficina, que abrange conteúdos de uma maneira lúdica e dinâmica, através dos bolsistas alunos da Licenciatura-Inglês. É uma experiência que vem sendo construída com muito trabalho, criatividade e uma ótima aceitação da parte dos alunos.

### **Diálogos**



Bem, inicio, então, após as apresentações, um diálogo com as supervisoras Merilúcia e Adriana. A primeira pergunta que me vem à mente é acerca da reação dos alunos na primeira vez que se mencionou o PIBID, subprojeto Inglês.

Qual foi o efeito sobre eles de participarem de oficinas em Inglês? Estavam interessados ou foi necessário um pequeno trabalho de conscientização sobre o que seriam essas oficinas?

Ainda me lembro que, naquela ocasião, confeccionamos um *banner* com a criatividade dos alunos licenciandos, em que convidávamos todos os interessados a participar. Lembro-me que, no *banner*, havia um convite em Inglês: *Let's play in English!*

Por incrível que pareça, a conscientização acerca da importância do ensino da língua inglesa, embora amplamente propagandeada para vender cursos livres de Inglês, ainda, em muitas escolas, é pequena. Há pouco tempo, fazendo pesquisa em sala de aula, um aluno, me vendo no fundo da sala, observando os alunos e a professora, indagou: Mas como nós vamos falar Inglês, se não sabemos direito Português? Qual a sua opinião, Adriana?

#### **Adriana**

Bem, os alunos ficaram bastante interessados não só pela proposta do PIBID em si, mas pelo apelo do *banner: Lets play in English*, que significa: “Vamos brincar, jogar, em inglês”, fazendo alusão à proposta da aprendizagem lúdica e diferenciada. Lembro-me que, na época, confeccionamos várias camisetas com o logo do Tio Sam, e todos os estagiários e também a supervisora vestiram a camiseta do projeto. Foi um grande atrativo para os alunos. Todos se renderam à curiosidade de saber mais sobre o PIBID.

#### **Ana Emilia**

Foi uma pena não podermos mais fazer camisetas, pois eles adoravam vesti-la e, sendo adolescentes, aquela peça de vestuário parecia dar-lhes um status diferenciado.

#### **Adriana**

E foi assim. Sala lotada, alunos motivados, estagiários empenhados, dedicados e prontos para colocar o projeto a pleno vapor.

#### **Ana Emilia**

Bem, já que se falou em salas de aulas, vamos pensar nelas, e aqui inicio uma pergunta básica: As salas eram/são homogêneas? Todos têm o mesmo nível de Inglês? Quais atividades têm sido do maior interesse dos alunos? Meri, o que você pensa a respeito disto?



**Meri**

As salas sempre foram heterogêneas, ou seja, cada um tem um nível de inglês, alguns fazem curso outros não. Esse foi sempre um grande desafio, pois precisamos pensar em atividades que despertem o interesse tanto do aluno que já sabe algo como do que não sabe nada de inglês e não tem interesse em aprender. Primeiramente trabalhamos com atividades que despertem o interesse pela oficina, coisas de que eles realmente gostem na cultura dos países que falam a língua Inglesa, que são principalmente os jogos, cenas de filmes ou seriados e músicas, pois eles adoram música! Mas o que mais desperta a atenção e a participação nas aulas é a motivação com premiações as mais diversas, como balas, bombons ou pontos na média escolar. No ano de 2007, tive uma experiência como professora assistente em uma escola de ensino fundamental nos Estados Unidos, e o que me chamou a atenção foi o interesse e a motivação dos pequeninos nas aulas. Todo final de semana, os melhores alunos eram premiados, e os que não ganhavam não ficavam tristes, pois sabiam que precisavam se esforçar mais. Achei isso positivo e, a partir daí, resolvi tentar com meus alunos. Apesar de serem mais velhos, tive um resultado positivo, pois a aula fica mais divertida.

**Ana Emilia**

Sabe, Meri, essa questão acerca de bombons e docinhos sempre me intrigou, pois acredito que colocamos os alunos na posição de uns “animaizinhos” a serem treinados, mas vejo que parece surtir efeito com jovens, talvez por ser o mundo tão competitivo, e a sala de aula refletir esse caráter exterior...

O que me parece muito relevante comentar aqui é a respeito dos textos escolhidos para leitura, iniciando nossa descrição da sala de aula de Língua Estrangeira e sublinhando inicialmente a leitura em Língua Estrangeira. Gostaria de trazer a voz de Ferreira do Nascimento (2013) a respeito de leitura em LE. A autora sugere que se deve considerar “o histórico de vida do aluno que, como ser social, possui saberes igualmente valorizáveis como os do professor”. E ainda que o professor deve facilitar “a construção da autonomia crítica do aluno”. Meri e Adriana, vocês acham que o PIBID e suas atividades variadas como leituras, jogos, apresentações levam os alunos a serem sujeitos críticos?

**Adriana**

Nas salas de aula ou oficinas PIBID, sempre pensamos em atividades lúdicas que levem o aluno a tomar a palavra e a se significar e pensar no que ouviu ou leu. Ainda me lembro quando uma licencianda PIBID mostrou trechos de um filme americano denominado *American Beauty* e levou os alunos a criticarem a sociedade americana e a hipocrisia por trás de hábitos e rotinas domésticas.



**Meri**

Decidimos, este ano, trabalhar na oficina com atividades que poderíamos revisar, em 50 minutos, de forma diferente e divertida, o que foi estudado nas outras duas aulas tradicionais: o mesmo conteúdo, o mesmo vocabulário, mas com atividades lúdicas e diferenciadas, algumas desenvolvidas pelos próprios alunos da UNB. Durante a realização das atividades lúdicas, pude perceber que os alunos assimilavam mais o vocabulário, e demonstravam mais interesse em colocar o seu próprio ponto de vista, pois estavam trabalhando com um assunto previamente estudado; com isso notou-se a diminuição na falta desmotivação e dispersão nas aulas. Eles gostam muito de BINGO, de cenas de filmes e seriados, mas principalmente de música. Para eles, esse tipo de atividade faz a aula de inglês ter mais sentido. Eu mesma inventei uma atividade que funcionou bastante. No início do ano, notei que vários alunos só viam filmes dublados, só ouviam músicas nacionais e pouco se posicionavam durante as aulas. Com o objetivo de despertar o interesse pela Língua Inglesa e tentar dar uma continuidade, em casa, ao contato deles com o inglês, levei uma música em inglês por semana, da preferência deles, e os alertava de que deveriam ouvi-la várias vezes em casa, pois depois de três semanas teriam de cantá-la novamente, como uma espécie de karaokê, só que pontuado. Em grande parte das turmas foi um sucesso, pois eles cantaram, se expressando sobre o significado da letra e gostaram da atividade sabendo que ganhariam pontos fazendo algo de que gostavam.

**Adriana**

É bastante interessante essa pergunta, pois em todas as apresentações, leituras ou seriados e filmes a que os alunos assistem, os estagiários se propõem a avaliar conjuntamente com os alunos os objetivos e intenções do autor e dos personagens. Muitas atitudes refletem o *American Way of Life*, que difere bem da nossa realidade brasileira, e eles puxam daí excelentes discussões e críticas.

**Ana Emilia**

Há um universo de assuntos para serem tratados e pensados quando o assunto é PIBID nas escolas básicas, e ainda continuaremos esse diálogo em outros textos. Por enquanto, diante do pouco que foi exposto, como vocês, Meri e Adriana, podem tirar conclusões acerca do que aqui conversamos?

**Conclusões****Adriana**

Diante de tanta riqueza de conhecimento e, principalmente, de prática, o PIBID tem sido uma poderosa ferramenta de ensino e capacitação. Os estagiários, professores e alunos têm se beneficiado com este projeto em todos os âmbitos. Como professora, só tenho elogios, pois os alunos têm gostado e aprendido bastante; os bolsistas do PIBID têm crescido como profissionais, e os professores têm se aperfeiçoado, aprendido com a criatividade e inovação e, por outro lado, ensinado com as muitas experiências ao longo da vida profissional. É uma troca riquíssima.

### **Meri**

Com essa experiência do PIBID, cheguei à conclusão de que a prática nos leva à reflexão acerca dos pontos positivos e negativos, e estes nos conduzem ao progresso em um contexto no qual as aulas de LE são vistas como desnecessárias, tanto pelos alunos como pela sociedade. É preciso atenção especial e reflexão sobre a formação dos futuros professores, além de incluir na grade horária mais aulas práticas, colocando-os, assim, em um maior contato com a realidade de sala de aula. Toda a política de ensino/aprendizagem do ensino de LE deve ser revista, pois precisamos urgentemente de investimentos em recursos materiais, didáticos, humano, investimento em tecnologia nas salas de aula e continuidade de projetos como o PIBID. Por fim, como educadores, devemos mostrar aos alunos que a LE, nas escolas regulares, é útil, sim, pois transforma, faz progredir, acrescenta vocabulário, promove o desenvolvimento de postura crítica, identidades e crenças do aluno.

### **Ana Emilia**

Não me sinto à vontade para concluir. Sinto-me, sim, empenhada a continuar neste diálogo incessante com as professoras e todos os alunos que veem no PIBID um terreno fértil para a prática pedagógica. No olhar deles, é fundamental termos mais acesso à realidade das escolas básicas e é escassa a oportunidade de vivenciá-la dentro da universidade. Eles acreditam que, se não fosse o PIBID, o estágio supervisionado não seria suficiente para torná-los professores futuros de novas gerações que demandam novos valores, novas formas de ver o mundo.

### **Referências Bibliográficas**

FERREIRA DO NASCIMENTO, E.M. Concepções de ensino-aprendizagem de leitura em escolas públicas brasileiras”. In: SANCHEZ, Liliane (org.). **Reflexões Trans-formativas sobre a prática docente: O olhar de aprendizes**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2013.



NÓVOA, A.(Coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa (Portugal): Dom Quixote, 1995.

**Agradecemos a CAPES pelo apoio financeiro com bolsas para coordenadora, supervisoras e licenciandos da UnB**

### Anexos



Foto 1: Aluna CEAN mostrando pôster STAY PIBID na ocasião em que o PIBID estava sendo alvo de possível corte.



Foto 2: Licenciando tirando *selfie* com alunos que formavam a oficina Inglês na escola CEAN.

Foto 3: Banner:



